

Inverno

letrônica

Rodrigo da Silva Cerqueira¹*para Tamiris*

Tive tudo o que quis quando cheguei à cidade, roupas limpas e bem passadas, comida à vontade, dinheiro para perambular pelos bares, um corte de cabelo, um pacote de cigarros: tudo; mas algo me faltava, um produto inexistente esvaziando uma parte importante da prateleira. Não te contei como cheguei, não será preciso também. Vim de muito longe, você bem o sabe, não precisaria agora descrever as linhas do mapa que tracei até aportar por aqui, meu sotaque já revela que não nasci por este território, não tenho parentes próximos ou apelidos de infância. Sou isto e agora. E você ainda me pergunta por que sou bem tratado. Posso lhe dar uma resposta óbvia: descendo de família abastada, tenho prestígio em minha região, meu pai tem terras, empregados e poder, minha mãe é como uma matriarca de meu local de origem, meu irmão abandonou nossa casa para estudar e, preparado para a vida, assumiu cargo importante na administração pública de nossa terra natal, minha irmã, apesar de não ter real vocação para nada, fez bom casamento, seu marido, descontados alguns excessos com álcool e drogas, é empresário importante de nosso Estado. Era isso que você queria ouvir. Sei por seus olhos. Mas e se não for verdade? E se meu pai nem chegou perto de ter prestígio, gastando a vida em abaixar a cabeça para os donos do poder, e se minha mãe tivesse nos largado logo percebesse que o marido não alcançaria lugar algum com aquilo tudo, se ela tivesse largado a gente por um viajante que só ficou em nossa cidade o tempo de seduzir uma dona de família doida pra conhecer as outras coisas do mundo, e se meu irmão tivesse seguido os passos do meu pai e perambulasse entre um bico e outro dependendo da família da mulher para sobreviver com o mínimo de dignidade, e se minha irmã fosse uma

¹ Doutorando em Letras – Teoria da Literatura – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

cocainômana que aprontasse escândalos ao encontrar o marido mais dia menos dia em outro dos intermináveis adultérios, se apanhasse dele em praça pública pouco antes de pedir pra ele voltar pra casa por amor a deus. Se isso fosse verdade você não estaria aqui me ouvindo.

Não, você não entende, não vim deste mapa. Olhe meus cabelos, olhos, pele: não tenho costume de pegar muito sol. De onde venho faz um frio do cão na maior parte do tempo. Do cão para os outros, nós nos acostumamos; o frio sempre existiu, é como uma planta no quintal, um primo de outro bairro que vai à sua casa todos os domingos – simples assim: eles estão ali, nada irá mudar. Em contrapartida, aqui faz um calor absurdo, nunca senti nada igual. Pego-me suando em bicas mesmo com o ar condicionado, o rosto vermelho, afogeuado. Uma pena, esse tempo não me favorece. Com os olhos vermelhos, o rosto no mesmo tom, não conseguem perceber se sou bonito. Acredite, sou realmente bonito. Não tanto quanto seu marido, ele é muito bem apessoado, mas não sou de se jogar fora. Chegando o frio poderei rolar minhas pernas pela cidade, e aí todos terão a oportunidade de dar uma olhada melhor em meus traços. Garanto que farei sucesso, não se assuste se alguns maridos desconfiados consumirem dias no meu encaço. E se não fizer frio, fico aqui trancado no quarto como estou até hoje, esperando que o dia esfrie, porque nem a noite permite um sujeito acostumado a temperaturas mais amenas transitar por este lugar. O espaço também não ajuda – isso você tem de concordar comigo. Além da temperatura calamitosa existem os barulhos ensurdecedores que povoam dias e noites dessa rua que vocês chamam de avenida. Ontem mesmo fui acordado pelas engrenagens de uma locomotiva carregando cerca de trinta vagões, sei o número porque meu pai era ferroviário e me dizia que cada locomotiva puxa dez vagões com sua força. Lembro-me apenas desse ensinamento dado por ele; muito pouco, é verdade. Morreu cedo o pobre, deixando minha mãe cuidando da prole e todos os seus malefícios. E o trem atravessa a cidade em pleno movimento da avenida. Incrível. O som torna-se inacreditável pra quem gosta de dormir até mais tarde como eu. O trem buzina; os carros também – pensam que vão acelerar o andamento dos vagões, os idiotas. Há também esses carros de propagandas povoando a cidade a todo instante; são anúncios de supermercados, sapatarias, clínicas oftalmológicas, notas de falecimento, numa altura que não sei se os comerciantes querem vender promocionalmente seus produtos, ou deixarem os consumidores com princípios de surdez. E para que tão alta a voz que declama os últimos pedidos da família do falecido. A nota ainda vem introduzida por uma cantilena quase feliz, um despautério. Talvez o espírito do anúncio seja o convite para uma grande celebração à memória do morto;

mas, sinceramente, isso não se emparelha aos meus costumes. No povoado onde nasci, a morte é algo para se contemplar silenciosamente.

Onde eu nasci não te importaria e nem me atreveria a lhe explicar. Você é muito nova, não deve entender de grandes distâncias, provavelmente nasceu e permanece aqui até então. Por isso deva ser completamente fora de propósito a você uma explicação sobre minha origem. O certo é que venho de longe, muito mesmo, uns dois ou três dias de viagem daqui, e de carro. Mas não vim de carro, não dirijo, tenho certo receio das estradas, um corre-corre dando de ônibus, caminhões e motos e carros e pessoas tentando se salvar umas das outras por trás do volante. Ainda mais que minha família não tem muita sorte com veículos automotores. Meu irmão dirige um trator para a prefeitura de nossa cidade há muito tempo, e, provavelmente, o continuará fazendo até o fim da vida útil de um trabalhador mínimo, com um salário pífio e muita gente pra sustentar. Minha irmã teve o caso mais grave envolvendo veículos na minha família: logo após tirar a carta de motorista, logo após mesmo, dois ou três dias depois, ela dirigia para uma cidade vizinha à nossa tencionando fazer uma visita a minha mãe, que na época morava na casa de minha avó, muito doente e de ossos muito frágeis; minha irmã dirigia com aquele receio dos jovens motoristas, e por este mesmo receio resolveu dar passagem a uma carreta que, no momento em que enxergou o caminho livre, passou com tudo raspando-lhe a lateral e lançou o carro pirambeira abaixo; foi um alvoroço na divisa das duas cidades, o motorista fugiu, mas deu corpo de bombeiros, equipe de resgate e até uma emissora de televisão da capital cobrindo o desastre; minha irmã ficou bem, apesar de ter perdido o movimento das pernas para baixo, o marido largou-a levando sua filha, mas minha mãe, após o falecimento de minha avó, cuida dela como se de um bebê, são felizes sob certo ponto de vista. Por isso não gosto de estradas, principalmente as estradas que nos levam a pontos cada vez mais distantes. Vim para cá por um único e exclusivo motivo, e fico por tempo indeterminado, ou até recuperar as forças para me propor uma nova viagem, regressar à minha terra.

Por que vim para cá, esse é o motivo de você estar aqui estacada na minha frente sem dizer palavra. Já disse que você tem olhos bonitos, são da cor de um dos móveis antigos que decoravam a sala principal da fazenda de meus avós. Minha família tem um território opulento sob seu domínio. Tem gado, lavoura, empregados, uma sede grandiosa com adega, fogão à lenha e um pomar como jardim de fundos. Seus olhos por ora lembram o de minha avó, que mesmo em idade avançada ainda conserva a beleza dos tempos áureos. Ela e meu avô formam um belo casal. Participaram de nossa criação com punho de ferro. Fui muito bem

ensinado. Tutelado, na verdade, para dar continuidade aos negócios da família. Seus olhos também me lembram uma jovem dama da alta sociedade de minha província, uma mulher por quem fui apaixonado desde menino. Lembro-me dela principalmente pelo contraste que seus olhos fazem com o brilho da aliança que você sustenta nos dedos. Esta mulher escorraçou meu coração. É bem isso, não adianta divagar, escolher meias palavras. Ela me dera um caminho para seguir até nossa conciliação no altar de uma igreja, de joelhos, aos pés do santo padre. Porém, quando tudo estava pronto, quando nossa estrada parecia bem delimitada e sem percalços, ela enxergou a decadência financeira a que nossa propriedade se atrelava me trocando por um almofadinha que retornara da capital com um diploma de medicina embaixo do braço. Não sei se estão felizes ou mesmo juntos. Devem estar. Ele ganhando dinheiro no consultório, ela lhe pondo chifres com os mais variados biscateiros da cidade. O homem tem uma cara de corno irreparável, você precisa ver. Vim aqui justamente pelos dois motivos, o primeiro e mais urgente aos meus pares é a reconstrução de nosso prestígio financeiro. Sua região tem alguns empresários de sucesso e poder de compra. Tento propor o arrendamento ou mesmo venda de nossas terras, claro que vou fazer propaganda enganosa, deixando de lado as falhas do solo, o peso correto do gado e a última revolta dos empregados sem receber há meses, o que me custou muito pela necessidade de contratação de alguns capangas para acalmar os desordeiros. O outro motivo é sentimental, tento me esquecer daquela diaba que acabou com minhas esperanças de uma longevidade sem grandes sustos. Ela ficou assim também, de pé à minha frente, emudecida por meu rosto, enquanto eu tentava dissuadi-la da renúncia ao casório. Não adiantou muito, mas ela ao menos teve a dignidade de contar que me abandonaria. Tenho certeza que você é diferente, se está aqui é porque me admira de alguma forma.

Estou certo que você já ouviu pelas ruas da cidade o motivo de minha permanência em seu território. Incrível como em lugares como este as notícias mais sigilosas tornam-se de domínio público. Mas tudo tem um motivo, sou mais que um culpado, sou um produto do tempo. Você deve saber as dificuldades que sofre quem nasce sem ter o dinheiro de comprar terras, materiais ou pessoas. Depois da morte de meus pais, assassinados por um mal-entendido num bar de minha cidade, meus irmãos e eu tivemos de nos virar. Não foi nada fácil. Você não imagina como é complicada a vida de três adolescentes sozinhos no mundo. Tentamos de tudo. Claro que, inicialmente, tentamos nos aproximar dos familiares, mas eles não quiseram nem conversa, ficaram tão aterrorizados com o que acontecera com nossos pais que não quiseram nos acolher temendo que a sina dos progenitores se repetisse com os

herdeiros. Então perambulamos pela cidade sem ter parada. Num mar revolto o naufrago se agarra a qualquer objeto que o dê ao menos a ilusão de não se afogar, por isso meu irmão me disse que a melhor alternativa era a completa marginalidade, fosse pedindo fosse roubando. Minha irmã usava o corpo para conseguir parte de nosso sustento, eu e meu irmão cometíamos pequenos crimes, vendíamos drogas, íamo-nos virando. Foi nesse tempo em que conheci uma viciada muito bem apessoada, ela devia ter a sua idade quando nos aproximamos, tinha decerto a mesma coloração nos cabelos. O vício dela me fez querer alçar vôos mais altos. O poder já dá este desejo, trocar a escada pelo elevador, impulsionado por um sorriso então, as coisas ganham proporções gigantescas. Foi daí que eu e meu irmão resolvemos entrar de corpo e alma no mercado de matadores de aluguel. Conseguimos bom dinheiro com este serviço, tiramos até nossa irmã das ruas, mas ela não conseguiu arrumar um emprego regular devido a seu passado manchado pela exposição do corpo. Ficou em casa como um fardo a mais. O empreendimento, porém, ainda dava lucros. Logo poderíamos nos aposentar, e eu daria boa vida à minha amada. Você pode não acreditar, mas as pessoas odeiam demais nesse mundo, e a morte a um inimigo é como um fetiche, um sonho de criança realizado – por mãos outras, claro. É por isso que vim para sua cidade. O prefeito ficou sabendo de minha existência pouco tempo antes de o líder da oposição confirmar a viagem para um encontro político em meu território de ação. Encomendou-me o serviço e me pareceu bem contente com o resultado quando o liguei de um telefone público bem ao lado do lugar onde jazia seu inimigo. Foi um serviço sem maiores preocupações. O homem da oposição era gordinho e pouco ágil, um alvo fácil de acertar. O grande problema é que o prefeito não cumpriu o combinado e ficou me devendo metade do pagamento acordado. Vim aqui pegar o que me é de direito sem qualquer espalhafato. Não serei hipócrita ao negar que, se Sua Excelência não pagar o que me deve, posso muito bem botar esta birosca abaixo, mas nem de longe esse é meu primeiro desejo. Já disse que você tem um sorriso bonito. Tente abrir mais a boca nas risadas que me lança, não seria mal ver seus dentes outra vez.

Seu sorriso me faz lembrar o pouco que recordo da presença de minha mãe. Meus pais se separaram muito cedo, e por desentendimentos mútuos, comuns a qualquer casal. Tudo começa com uma roupa suja fora do lugar, um jornal mal dobrado, até o completo caos, acusações de adultério, insinuações de que um ou outro não procura o cônjuge nas horas de intimidade. Foi assim que acabei me dedicando à venda autônoma de enciclopédias escolares. Não por isso diretamente, mas de algum modo. Diferentemente da ordem natural das coisas quem abandonou a casa foi mamãe. Ela tinha quem a amparasse, e levou para seu novo lar o

filho que mais gostava – meu irmão, a quem meu pai não reconhecia a paternidade devido aos traços um tanto mais angulosos que os meus e de minha irmã. Besteira do velho para falar a verdade; meu irmão era cuspida e escarrada reprodução de um de meus tios paternos, mas meu pai não admite o equívoco até hoje, e depois do abandono da casa por minha mãe deu a beber além da conta, dever miudezas nos bares de nosso bairro, xingar vizinhas que clamam para que ele pare com aquela zorra no meio da rua até altas horas. Pelo comportamento agressivo de meu pai, minha irmã se aboletou a um casamento sem razão aparente com um comerciante de jóias da cidade vizinha. Do outro lado da família, meu irmão, mimado ao extremo por minha mãe, teve acesso a colégios particulares e professores de língua estrangeira, passou com louvor no vestibular de química e, por um descuido, seguiu um pedido de um colega de classe e foi pego pela polícia conferindo a pesagem de um material suspeito no laboratório da faculdade; está preso, mas mamãe jura que a liberdade condicional o coroará em pouco tempo. Eu fiquei em casa cuidando do velho mesmo depois de conhecer minha atual esposa. Digo esposa porque vivemos juntos embora em casas separadas. Ela não suporta a idéia de morar com o sogro e eu não posso deixar meu velho a ver navios em meio à solidão. Ela é uma morena espichada, bonita que só vendo. Tem braços finos e coxas volumosas como seriam as suas se não usasse essas calças largas demais para sua cintura fina. Quando a conheci ela disse que queria conhecer o mundo e eu arrumei como emprego a venda de atlas geográficos para estudantes dos ensinos fundamental e médio. Dos atlas às enciclopédias foi um pulo, e a coincidência de seu sonho com meu ganha-pão não é uma piada. Com o dinheiro de minhas vendas consegui levá-la à nossa primeira viagem internacional. Fomos de ônibus e enchemos o bagageiro de mercadorias que vendemos em minha cidade por bagatelas nunca dantes vistas naquele lugar. Por ora tento refazer as economias e levá-la para ver a neve. Em minha terra há geadas, mas não neve de verdade, daquela que você pode empilhar e fazer bonecos gordinhos com nariz de cenoura. Depois da segunda viagem, minha esposa pediu para que eu jurasse que íamos construir nossa casa, sem a interferência de meu pai tropicando pelos cômodos. Prometi, mas não sei se posso cumprir. É duro acompanhar o velho definhar dia após dia, tenho de ampará-lo. Vim à cidade com minhas enciclopédias educativas pelo fato de o diretor de um dos colégios daqui ser amigo de meu tio paterno, e por, agora, o cunhado de minha mãe deitar-me maior afeição. Desde que meu irmão cometeu o deslize que lhe custou algum tempo de liberdade, meu tio, que o tratava feito filho, me escolheu como descendente predileto, também pelo fato de minha irmã evitar comunicações com o restante da família que não seu esposo. Há muitos colégios em sua

cidade, o que me deixa pasmo. Neste calor os moleques não devem conseguir se concentrar. Estou até vendo o papelão dos esqueletos elaborados para que eles possam compreender função e nome dos ossos do corpo humano grudando em minha pele no andar da demonstração.

Você me diz que não adianta reclamar, que estamos no verão, e eu lhe digo que só saio daqui quando o inverno chegar. Você pode retrucar dizendo que as condições climáticas de sua cidade não me oferecerão clima parecido ao do meu território, e eu te direi que, devido a este fato inconcebível e imutável, apodrecerei aqui dentro me aliviando enquanto este ar-condicionado funcionar. Você pode me perguntar se quando for embora imaginarei voltar, e eu vou lhe dizer por que vim. Nasci de família modesta em que as condições adversas fizeram do bom traquejo com os outros o maior triunfo. Meu pai conseguiu nossa casa apostando com um indivíduo de sua estima que pulava mais alto do que o prédio da prefeitura, o sujeito disse que duvidava e meu pai pulou do chão ao acento de um banco da praça central de nossa cidade, quando o sujeito disse que era muito pouco meu pai mandou o prédio da prefeitura pular. Moramos nesta casa até hoje, meu pai, minha mãe, minha irmã, meu irmão e eu – o antigo dono nos virou as costas, coisas de quem julga outras pessoas pela primeira impressão. Nunca demos bola para os homens e mulheres que deram as costas a nosso pai, aprendemos todos os modos com o velho. Meu irmão conseguiu um emprego de gerente numa loja de materiais de construção dizendo ao dono do estabelecimento que ajudara a construir a faculdade de engenharia da cidade vizinha. Quando o dono da loja descobriu que o único emprego de meu irmão anterior à gerência fora de servente de pedreiro já era tarde e ele, para a surpresa do chefe e pouco conhecimento dos cálculos, até que deu pra um bom gerente. Foi pela palavra que consegui minha atual esposa, morena esperta de olhos cor de madeira antiga filha de um dos homens mais influentes do município. Disse a ela em nosso primeiro encontro que era um empreendedor designado a descobrir novos tesouros pelo território do país, e o máximo de valor que conseguiria apurar num só corpo estava ali materializado nela. Ela me disse que eu era um bom feitor de galanteios e, após nosso casamento, realizado às pressas numa igreja distante das mais famosas do lugar para evitar qualquer disse-me-disse ou um escândalo por parte de seu pai, me deu dinheiro para uma viagem longa, dias e dias em estradas, aeroportos, postos de gasolina e quartos de hotéis. Minha missão era simples, devia achá-la e contá-la todas as minhas verdades, olho no olho – um bom propósito se deixarmos de lado a dificuldade da procura. Como não a achei até agora, permaneço trafegando entre as pessoas, tentando revelá-la por minha insistência. O calor aumenta e a refrigeração do

cômodo começa a falhar – natural pelo tempo que estou preso aqui. Devia ir embora, mas o clima quente me impede. Você me pergunta se voltarei algum dia, e eu te digo que não, não volto porque jamais estive em outro lugar a não ser este, com você em pé à minha frente, os olhos marrons brilhando nos meus. Uma hora vamos ter que sair, e vai ser inverno. E se não for é uma pergunta óbvia demais pra você me fazer. Se não for, nós o faremos. Eu lhe contarei minha história, e um frio límpido balançará tuas vestes, teus cabelos, teus olhos.

Recebido em setembro de 2012.

Aceito em dezembro de 2012.